

Homens que sentem saudades

História da emoção que une
uma nação

Marcia Esteves Agostinho

70

Homens que sentem saudade

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Marcia Esteves Agostinho

ISBN: 978-65-54273-33-6

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A268h

1.ed.- Agostinho, Marcia Esteves.

Homens que sentem saudade / Marcia Esteves

Agostinho. - São Paulo: Edições 70, 2025.

112 p.; 15,7 x 23 cm.

ISBN 978-65-542-7333-6

1. História das emoções. 2. Saudade. 3. Masculinidades. 4. Memória afetiva. 5. Identidade cultural. I. Título.

CDD 152.4

Índice para catálogo sistemático:

1. História das emoções e identidade afetiva masculina
- 152.4

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo..

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Editor da Obra: Gorki Starlin
Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Produtora Editorial: Diego Gonzalez
Diagramação: Diego Gonzalez
Revisão: Marcia Esteves Agostinho
Capa: Diego Gonzalez



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br—altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

Sumário

Dedicatória	V
Agradecimento	VI
Prólogo: Homens, histórias e saudades	1
Emoção como identidade coletiva	7
Saudades no Brasil do século XIX	15
Adão, um português no Brasil	25
Antônio, um “brasileiro” em Portugal	37
Práticas afetivas e vínculos emocionais	47
Movidos pela liberdade, unidos pelo cuidado	73
Epílogo: Um português... em primeira pessoa Camilo Augusto Sequeira	79
Referências	95

Se as antigas naus portuguesas levavam para a costa brasileira orgulhosos comerciantes e aventureiros, os modernos “vapores” transportavam homens que tinham em comum a palavra saudade no vocabulário.

Dedicatória

Dedico a Regina Esteves Agostinho e Paulo Felipe Agostinho, meus pais, em quem sempre encontrei incentivo e acolhida.

Agradecimento

Agradeço a Adão Ribeiro e Antônio Luiz, representantes da sétima geração da família Carvalho no Brasil, com quem descobri a história que conto neste livro.

Prólogo: Homens, histórias e saudades

Embora narrada por uma mulher, esta é uma história sobre homens. É também uma história sobre meninos como Antônio, que, aos 11 anos, atravessou sozinho o oceano, deixando para trás a mãe, os irmãos, a aldeia e a infância. Mais ainda, esta é a história de uma emoção. Aquela de que orgulhosamente se argumenta não ter tradução e que vibra como uma marca da identidade de uma nação. Refiro-me à saudade.

Há entre acadêmicos o debate sobre até que ponto faria sentido estudar a história das emoções. Isto é, as emoções têm história? As emoções se transformam ao longo do tempo? O que as pessoas sentiam no passado? O que elas sentem hoje? Há alguns anos, tenho me dedicado a este, relativamente novo, campo de estudo chamado “história das emoções”. O que descobri desde então é que nossa condição de seres humanos nos faz sensíveis aos afetos tanto quanto nossos antepassados mais remotos. Ainda assim, as condições da vida variam com o tempo, transformando nossas experiências emocionais.

Proponho-me aqui a compartilhar minhas descobertas sobre as experiências vividas por dois portugueses, Adão e Antônio, que migraram para o Brasil em meados do século XIX. Aos leitores que imaginam que eu descenda deles, esclareço que não tenho nenhuma ligação de sangue com aquela família. Entretanto, esses dois personagens foram responsáveis por reforçar os laços de amizade que eu já tinha com seus descendentes.

A forma como tive acesso às principais fontes primárias desta pesquisa reflete o hábito de muitos povos de compartilhar suas memórias à mesa, durante longos almoços com familiares e amigos. Este é o caso de portugueses e brasileiros. Fui convidada para um almoço na casa dos pais de uma amiga e pude aproveitar uma dessas ocasiões, em que os membros mais velhos de uma família

contam e recontam velhas histórias cheias de saudade. Curiosa que sou, fiz tantas perguntas a seu pai, Antônio Luiz, a ponto de ele recorrer ao “livro da família Carvalho”.

Anos antes, seu primo Adão reunira em um livro o acervo documental sobre a fábrica de calçados fundada, no Rio de Janeiro, em 1856, por seu parente homônimo de sete gerações anteriores. Naquele mesmo dia, após uma ligação telefônica de Antônio Luiz, fui até a residência de Adão para conseguir um exemplar para mim. Como estudante de doutorado interessada em micro-história,¹ não podia conter a animação. Além de registros comerciais e notariais, o livro continha cartas de família, poemas, relatos de viagem e fotografias. Aquelas eram fontes primárias totalmente inexploradas!

Eu sabia que uma leitura atenta daquelas fontes poderia lançar luz sobre algo que havia algum tempo me intrigava: a coesão portuguesa transoceânica. Que mecanismos mantiveram a “nação portuguesa” unida desde o início dos tempos modernos, apesar de espalhada por vários continentes? Parecia-me claro que a história da família Carvalho era um sinal de que as práticas afetivas dos portugueses comuns no século XVI ainda estavam vivas no final do século XIX.²

Além disso, a história dessa família já no século XX revelava como as nações portuguesa e brasileira se fundiram em uma identidade sincrética. As palavras de Antônio, aquele que no século retrasado partira para o Brasil ainda menino, expressam essa tensão: “Cheguei à vida na terra idolatrada dos meus pais e desejo deixar a vida na terra adorada dos meus filhos”.³

Então, eu pergunto: o que mantém as pessoas unidas como uma nação? Os documentos da família Carvalho oferecem uma nova perspectiva sobre uma questão que a historiografia

convencionalmente aborda por meio de conceitos como raça, etnia e religião. Em vez de adotar uma dessas categorias usuais, eu decidi considerar as emoções como a categoria de análise.⁴ O resultado a que cheguei é que certas emoções, como a saudade e as atitudes motivadas por ela, podem favorecer sentimentos de pertencimento. Assim, a identificação com uma coletividade, até mesmo com uma nação, parece ser uma questão de prática emocional — e não de destino.

Tive a oportunidade de compartilhar essas reflexões no meio acadêmico, apresentando-as em conferências e publicando-as em revistas internacionais especializadas. Um aspecto que considero muito interessante neste meio é a prática da “revisão por pares”. Isto é, pessoas com conhecimento na área revisam anonimamente os trabalhos submetidos à publicação, podendo rejeitá-los (como acontece em grande parte das vezes). O interessante, do meu ponto de vista, é que, quando os revisores anônimos não rejeitam um trabalho, geralmente fazem comentários e críticas que tendem a melhorar sua qualidade. As ideias que eu apresento aqui passaram por esse processo. Sou muito grata a essas pessoas pela crítica atenta que tanto fez apurar minha reflexão.⁵

Ao Antônio Luiz e ao Adão da sétima geração dos Carvalhos no Brasil, devo agradecer não só por terem me aberto as portas para a intimidade de sua família, como também pelo carinho e o interesse que sempre demonstraram pela minha pesquisa. Nossas longas conversas foram fundamentais para eu compreender as nuances dos fatos que os documentos registravam. Mais ainda, por intermédio dos dois, tive acesso aos sentimentos que ligavam aquelas pessoas cujos nomes apareciam para mim em certidões de nascimento, contratos comerciais, cartas e cartões postais.

Em uma época em que a autonomia de uma criança de onze ou doze anos vai pouco além das grades do *playground*, a história do menino Antônio que veio de Portugal para trabalhar no Brasil deveria chamar muita atenção. Qual não foi minha surpresa, porém, quando, conversando com um homem na fila para comprar panetone, ele me disse que sua história era semelhante. Como assim?! Ele nem tinha sotaque português, nem parecia ter idade para ter sido uma criança sozinha em um navio vindo para o Brasil.

Trocamos contatos no *Linkedin*. O nome dele era Camilo e nascera em Portugal — “no Portugal profundo”, onde não havia energia elétrica em plena década de 1960. Enviei-lhe meu artigo, então recentemente publicado. A história do menino que chegara ao Brasil uma centena de anos antes o fazia lembrar da saudade que ele mesmo deixou de cultivar. Agora Camilo relembra aquele tempo e compartilha conosco suas emoções. Eu agradeço por ele ter aceitado o convite para escrever o epílogo, em primeira pessoa.⁶

Marcia Esteves Agostinho

Pittsford, NY, dezembro de 2023.

-
1. Gênero historiográfico que privilegia o estudo de personagens anônimos para compreender o contexto das experiências vividas em certo local e momento do passado.
 2. Studnicki-Gizbert, Daviken. **A Nation upon the Ocean Sea: Portugal's Atlantic Diaspora and the Crisis of the Spanish Empire, 1492-1640**. Nova York: Oxford University Press, 2007.
 3. Ribeiro, Adão Carvalho. **O vaso de flores**: miscelânea poética e histórico-familiar. Rio de Janeiro: Jucitara Editora, 2010. p.118

4. Minha visão das emoções como uma categoria de análise concorda, de alguma forma, com estudiosos como Jan Plamper ("An Interview with Jan Plamper: On the History of Emotions." **Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History** 18.3 (2017): 453-460.) e Nicole Eustace (Eustace, Nicole, Eugenia Lean, Julie Livingston, Jan Plamper, William M. Reddy e Barbara H. Rosenwein. "AHR Conversation: The Historical Study of Emotions." **The American Historical Review**, 117, n. 5 (2012): 1487-1531.).
5. Agostinho, Marcia Esteves. 2023. "Navigating Identity after Independence: Portuguese men in nineteenth-century Brazil." Thematic Dossier "Brazil: 200 years of Independence (1822-2022)", **Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa**, issue 19, jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.48751/CAM-2023-19224> . Acesso em: 12 out. 2023, e Agostinho, Marcia Esteves. 2021."Emotion as Collective Identity: the Case of Portuguese Saudade." **Academia Letters**, 2021. DOI: 10.20935/AL377. Disponível em: <https://doi.org/10.20935/AL377> . Acesso em: 10 dez. 2022.
6. Camilo Augusto Sequeira nasceu na pequena aldeia de Guedieiros, em Portugal. Aos 12 anos emigrou sozinho para o Brasil, onde pôde estudar e formar-se em engenharia na PUC-Rio.

Emoção como identidade coletiva

“Só os portugueses consideram uma coisa normal a existência de Portugal como um país independente. Para os outros, a coisa mais surpreendente sobre este pequeno e incrível país é sua própria existência”.¹ Foi assim que os editores da revista americana *Life* decidiram apresentar o “pequeno” país localizado na junção entre do Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo na edição de 1966 do *Manual das Nações*. Ressalto aqui sua localização geográfica, pois ela é fundamental para entendermos a trajetória – e talvez até a alma – portuguesa.

Os norte-americanos que redigiram aquela matéria mostraram-se espantados com o fato de que os portugueses tenham conseguido evitar por séculos – exceto pelos 60 anos da União Ibérica – a fusão com a Espanha. Assim, eles prontamente definiram o português como “um homem que detesta a Espanha”.²

Essa passagem levanta três questões. Primeiro, emoções podem definir identidades coletivas? Em outras palavras, as pessoas podem se identificar como portuguesas pelo que sentem a respeito dos espanhóis? Em segundo lugar, como as emoções podem manter as pessoas unidas? Finalmente, como as emoções podem ser usadas como uma ferramenta analítica para entender a continuidade das identidades coletivas?³

Abordo estas questões por meio do caso de Portugal. Porém, ao contrário do que sugeria o *Manual das Nações* da revista *Life*, meu argumento é que não é o ódio ou a aversão, mas é, sim, uma emoção chamada *saudade* que serve como uma das bases para a identidade portuguesa. Tanto quem convive com portugueses quanto quem os estuda concorda que a importância da saudade como traço cultural permanece incontestada.⁴

Em resposta à segunda pergunta – quanto ao poder das emoções para manter as pessoas unidas –, recorro àquilo que

chamo de “práticas emocionais”. Há evidências de que certos hábitos encorajaram os indivíduos a expressar seus sentimentos de saudade, tanto presencialmente quanto a distância. Mesmo antes do telefone e da internet, as cartas já cumpriam essa função. A prática de comunicar e de, assim, compartilhar sentimentos de saudade pode ser uma razão pela qual uma nação de comerciantes e navegadores – que poderia ter se perdido pelo mundo – conseguiu manter sua coesão e identidade apesar das distâncias.

A terceira questão, entretanto, está aqui como uma intenção metodológica. Pretendo mostrar como é possível usar uma dada emoção como ponto focal para compreender o que pode levar as pessoas a se identificar umas com as outras e formar uma comunidade que permanece unida por gerações. Tomando a saudade como exemplo, mostrarei como a maneira de sentir pode nos levar a formar um coletivo com identidade própria. Neste caso, o coletivo é a nação portuguesa.

Dizer que sinto saudade de ti é o mesmo que dizer *I miss you*, *Te extraño* ou *Tu me manques*? Os portugueses orgulham-se de afirmar que nenhuma palavra estrangeira pode descrever um sentimento tão profundo. No entanto, a impossibilidade de traduzir a palavra saudade para qualquer outra língua não é uma criação dos intelectuais românticos do século XIX – como diriam alguns, uma “invenção um tanto bizarra de um poeta português inimigo do cosmopolitismo”.⁵ A percepção da saudade como uma emoção exclusivamente portuguesa remonta ao século XV, quando o rei D. Duarte escreveu que o latim, ou qualquer outra língua que ele conhecesse, não tinha uma palavra com significado semelhante.⁶

Contudo, apesar de sua antiga ligação com a alma portuguesa, a saudade viria a assumir novas e ambíguas conotações no contexto das crises políticas e econômicas do século XX. Nos anos 1910, essa

emoção estava no cerne de um movimento literário – o *Saudosismo* – que apelava para uma expressão nacionalista sentimental capaz de regenerar a glória do passado português.

Depois, com o advento do Estado Novo, a saudade passou a fazer parte do discurso do regime ditatorial. Assim, após a queda da ditadura em 1974, as novas elites políticas e culturais passaram a considerar a noção de saudade como “politicamente incorreta”.⁷ No entanto, a opinião negativa que as elites culturais sustentam sobre a saudade não tem impedido que essa emoção seja vivida e cultivada pelas práticas dos portugueses no país e no estrangeiro.⁸

Há seis séculos, o rei D. Duarte antecipou o conhecimento psicológico moderno, segundo o qual “experiências de ‘dor social’ (os sentimentos dolorosos que se seguem à rejeição, à exclusão ou à perda social) e ‘prazer social’ (os sentimentos prazerosos associados a sentimentos ligados aos outros) devem ser considerados estados emocionais fundamentais”.⁹ Ele não só tinha uma palavra – *suydade*, em português arcaico – para descrever esse estado emocional dual, como também explicava suas origens.

Para D. Duarte, a saudade pertence ao coração, não à razão. É um sentimento nascido da ausência de alguém amado. Como as lembranças do tempo que se foi podem trazer tanto alegria quanto tristeza, a saudade pode causar tanto prazer quanto lamento. Mais importante, mesmo imerso em “lágrimas e suspiros”, quem sente saudade nunca se separa, “porque, quando o amigo vai embora, mesmo que a gente sinta saudade, ele está sempre presente”.¹⁰

Mais do que uma palavra para exprimir o que se sente, saudade é uma ideia que os portugueses partilham por meio das práticas interpessoais. Em um estudo da diáspora portuguesa do início da era moderna, Daviken Studnicki-Gizbert sugere que “o afeto e a preocupação fechavam a lacuna da separação”. Os portugueses

mantiveram as suas ligações emocionais apesar de eventuais diferenças de religião ou de origem social. Como explica aquele autor, “as cartas eram um substituto para o fluxo e o envolvimento das conversas em pessoa”.¹¹

Tais conclusões são compatíveis com o trabalho antropológico de Mary Bouquet, para quem “uma das imagens mais marcantes da vida em Portugal é a da conversa”. Partindo da realidade dos anos de 1980, ela revela a natureza da conversação portuguesa: “a expressão de preocupação pelos outros”.¹² A observação de Bouquet indica uma continuidade no padrão emocional de “afeto e preocupação” encontrado nas cartas do século XVII.

Historiadores e antropólogos parecem concordar com estudos linguísticos que mostram que “expressar e falar sobre emoções desempenham um papel significativo na vida social portuguesa”.¹³ Assim, pode-se inferir quanto a *prática emocional da conversa interessada* pode ter contribuído para a preservação da identidade coletiva dos portugueses ao longo dos séculos.

O que esses estudos não explicam inteiramente é como algumas pessoas *optavam* pela identidade portuguesa. Esse é o caso intrigante de um grupo particular da diáspora portuguesa do início da era moderna: os “judeus portugueses”. Miriam Bodian argumenta que eles se reencontraram com a diáspora sefardita apenas “de uma maneira formal e desapaixonada”. Ela continua afirmando que, “em termos dos mitos fundadores, emoções coletivas e padrões religiosos-culturais que os fizeram se sentir em casa em suas novas comunidades – não, eles não se tornaram ‘sefarditas’”. Como a autora conclui, “eles permaneceram ‘portugueses’”.¹⁴ Esse caso ilustra a história do potencial explicativo das emoções.

Ao identificarmos *práticas emocionais*, podemos chegar mais perto de entender o que une as pessoas a ponto de ser forjada (e preservada) uma identidade coletiva. Assim como os portugueses se unem em torno da saudade, outras identidades coletivas podem ter sido construídas – e se mantiveram robustas – por meio do cultivo de outras emoções, como orgulho, ódio, medo, culpa. Como as práticas emocionais podem definir uma identidade?

Existem, sem dúvida, inúmeras maneiras de abordar essa questão. Uma delas é sugerir um modelo teórico para um mecanismo geral. Então, ofereço esta possível resposta:

Em um ambiente que favorece continuamente encontros variados, os indivíduos são expostos a diversas experiências, para as quais desenvolvem respostas emocionais. A longo prazo, respostas benéficas tendem a ser imitadas por outros indivíduos do grupo a ponto de se tornarem parte de suas normas culturais. Assim, ao longo do tempo, diferentes grupos de pessoas acabam cultivando emoções que funcionam melhor como respostas aos estímulos aos quais foram expostos.

Algumas vezes, as práticas emocionais, além de beneficiar os indivíduos, também incentivam comportamentos sociais que promovem a coesão do grupo. Como consequência, a identidade coletiva passa a ligar-se à emoção cultivada por tais práticas. Esse modelo parece ajustar-se ao caso português, pois oferece uma explicação plausível não só para a centralidade da saudade na identidade portuguesa, mas também para a continuidade de Portugal como nação independente. A saudade pode, assim, ter contribuído para que “este pequeno e incrível país” tenha permanecido independente, apesar da poderosa vizinha Espanha.